

O Movimento das Cem Flores: uma reflexão sobre a relação entre o estado e os intelectuais * **

Shu Chang-sheng ***

Introdução

O movimento das Cem Flores (*minfang yundong*) refere-se ao período do início de 1956 até meados de 1957, quando o Partido Comunista Chinês (PCC) incentivou a livre expressão, deixando “as Cem Flores desabrocharem e as Cem Escolas se rivalizarem”.¹ Em fevereiro de 1956, no XX Con-

* Artigo recebido em janeiro de 2002 e aprovado para publicação em julho de 2002.

** Este texto resume os principais argumentos da tese de doutorado, defendida pelo autor em 28 de fevereiro de 2002, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). O autor agradece à Sra. Nancy Faria pela revisão do texto.

*** Doutor em História pela UFF, Bolsista Fixação de Pesquisador da FAPERJ na Universidade Cândido Mendes (UCAM).

¹ As “Cem Escolas” surgiram no período da Primavera e do Outono (722-480 a.C.) e dos Estados Combatentes (480-221 a.C.), quando o desenvolvimento econômico e o progresso técnico criaram uma grande demanda pelo “trabalho intelectual” e quando o ambiente politicamente caótico foi propício ao fervilhar filosófico. Em consequência da desordem política e social e da ruína da moral feudal, uma grande liberdade de pensamento parece ter-se oferecido a um número maior de indivíduos, provenientes de todos os meios. Formou-se, então, uma grande quantidade de seitas e escolas mais ou menos rivais – as chamadas “cem escolas”, e surgiram grandes pensadores, como Confúcio, Mêncio, Laotse, Chuangtse, Hanfeitse, entre outros. Este período foi considerado a idade de ouro para o pensamento clássico chinês.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 15, pp. 135-160

gresso do PCUS, Khrushchev denunciou os atos tirânicos de Stalin, o que obrigou vários dirigentes dos Partidos Comunistas a conhecerem os erros do stalinismo e permitirem uma certa abertura política. As crises políticas e ideológicas do bloco soviético, sobretudo as revoltas populares na Polônia e na Hungria, serviram como estímulo para as manifestações intelectuais na China.

Para evitar que o “fogo húngaro” incendiasse a China, no final de abril de 1957, Mao Zedong, presidente do PCC, resolveu lançar a Campanha de Retificação (*zhengfeng yundong*), convidando os intelectuais a criticarem livremente o governo. E eles, sobretudo professores, estudantes, democratas, profissionais técnicos, funcionários do governo e alguns quadros comunistas, não se limitaram aos discursos oficiais, mobilizaram-se para reivindicar a “liberdade” e a “democracia”, desafiando, assim, os projetos autoritários e paternalistas do Partido. Em consequência, o PCC transformou a Campanha de Retificação numa Campanha Antidireitista (*fanyou yundong*) – uma grande repressão aos manifestantes. O efêmero desabrochar das Cem Flores deixou marcas profundas na futura relação Estado-intelectuais.

O estudo sobre o movimento das Cem Flores é relevante para compreender o relacionamento entre o Estado e os intelectuais na China e noutros países comunistas ou ex-comunistas. Além do mais, as críticas e as reivindicações feitas durante as Cem Flores ainda são pertinentes nos dias de hoje, na medida em que a liberdade, a democracia e o Estado de direito ainda desafiam o governo chinês.

A fonte primária deste trabalho é a coleção *Memórias da Campanha Antidireitista* (*Jiyi zhongdi fan youpai yundong*), editada por Niu Han e Deng Jiuping, publicada em 1998 pela Editora Diário da Economia (*Jingji Ribao Chubanshe*). A coleção consiste em três volumes: o primeiro é *As Gramíneas da Planície* (*Yuan-shang-cao*), o segundo, *A Via Espinhosa* (*Jing-ji-lu*), e o terceiro, *A Neve de Junho* (*Liu-yue-xue*). A fonte secundária é Ding Shu, *Armadi-lha Aberta: Antes e depois da Campanha Antidireitista* (*Yang Mou: Fanyou Qianhou*), publicado em Hong Kong, em 1995, pela editora da revista *Década Noventa* (*Jiushi Niandai zazhishi*).

O Partido no Poder, 1949-1956

Em 1949, depois de 22 anos de luta armada, os comunistas chineses finalmente conquistaram o poder. Aboliram-nas ou tomaram o controle de todas as associações voluntárias, todos os grupos culturais e entidades científ-

ficas, órgãos de editoração e agências de previdência social, instituições educacionais e organizações juvenis. Em consequência, toda a intelectualidade chinesa tornou-se funcionária do Estado revolucionário e este, por sua vez, seu único empregador. Numerosas revistas, departamentos de propaganda do governo, instituições de pesquisa, escolas e indústria cinematográfica ofereciam-lhe vários tipos de emprego. Como resultado, para os intelectuais chineses, a tática para progredir, ou mesmo sobreviver, era apoiar a posição do Partido.

Para estabelecer a nova ordem, em 1951, o Comitê Central lançou a Campanha de Repressão aos contra-revolucionários (*zhengfan yundong*), onde ocorreram cerca de 1 milhão de execuções. Alguns autores ocidentais estimam que, entre 1949-1953, cerca de 2 a 5 milhões de chineses foram vitimados.²

Depois da Guerra da Coréia (1950-53),³ a China implementou seu Primeiro Plano Quinquenal (1953-1957). Para acelerar a “acumulação socialista primitiva”, necessária para a edificação socialista, o Partido reforçou a Coletivização Agrícola. A partir de 1953, o regime instituiu “compra e venda única” (*tonggou tongxiao*), que obrigaria os camponeses a entregar seus produtos ao Estado, de acordo com uma cota mínima e fixa, contra o pagamento também fixado antecipadamente. O agrupamento de milhões de pessoas em algumas dezenas de milhares de unidades coletivas de produção, permitindo um controle preciso, viabilizou o processo por meio do qual foi possível espremer os camponeses, extraindo deles cotas anuais fixas, às vezes ascendentes, mesmo que a produção estivesse estagnada ou em declínio. A “compra e [a] venda única[s]” permitiram a fixação do consumo dos camponeses e dos residentes urbanos, acelerando a edificação socialista.

Apesar da Constituição de 1954, garantindo a “liberdade de expressão, crença e organização”, na realidade, nem o código civil nem o penal foram votados para proteger os cidadãos. No verão de 1955, Mao lançou a campanha de “repressão aos contra-revolucionários escondidos” (*sufan yundong*), que durou até o fim de 1956. Não sabemos os pormenores deste expurgo, mas, segundo um discurso de Mao Zedong, cerca de 4 milhões de pessoas foram investigadas, entre elas, 160.000 foram consideradas suspeitas e apenas 38.000

² Craig Dietrich, *People's China: a brief history*, Oxford University Press, 1994, pp. 69-72.

³ Sobre a aliança sino-soviética, ver o trabalho de Chen Jian, *The sino-soviet alliance and China's entry into the Korean War*, Working paper nº 1, junho de 1992, Cold War International History project, Woodrow Wilson International Center for Scholars.

condenadas como contra-revolucionárias.⁴ Se dividirmos os 38.000 condenados pelos 4 milhões investigados, veremos que apenas um percentual de 0.95 dos investigados eram culpados de alguma forma, e 99.05%, inocentes. É difícil saber o verdadeiro número das vítimas, porque os arquivos confidenciais ainda estão bem guardados. Não se sabe, sob a tortura, quantas pessoas se suicidaram e quantas fizeram confissões falsas, que as levaram à própria condenação.

Durante a Repressão aos Contra-revolucionários Escondidos, foram instalados os aparatos da polícia política, reforçados pelo passaporte interno e pelo registro familiar (quem não tivesse registro familiar não teria acesso aos alimentos). Houve poucas execuções e a maioria dos contra-revolucionários escondidos foram delatados e condenados à reeducação. Esta campanha era destinada a erradicar os últimos vestígios do Guomindang. Ela empurrou para o primeiro plano as origens e as ligações de famílias. Até então, os comunistas haviam incluído pessoas de origens “indesejáveis” em suas fileiras. Diversos filhos e filhas da classe “inimiga” chegaram a posições elevadas – de fato, muitos dos primeiros líderes comunistas vinham de origens “ruins”. Mas, após 1955, as origens familiares foram-se tornando cada vez mais importantes. Cada vítima política implicava muitas outras, inclusive, antes de tudo, sua família imediata.

Apesar da exaltação oficial dos valores de *Yanan* (a energia, a probidade, a fé e a abnegação dos prazeres materiais), muitos quadros do Partido se tornaram arrogantes e carreiristas. Numa sociedade onde o enriquecimento individual era excluído, todo o êxito pessoal passava para a hierarquia do Partido, agravando ainda mais o arrivismo. Na medida em que a “cadeira partidária” se tornou um bem precioso, os “oportunistas ingressavam no Partido como as minhocas permeando no jardim”, como apontou Huang Yaomin (1903-1987), militante da Liga Democrática e professor da Universidade Normal de Pequim.⁵ Neste período de acirrada luta política e ideológica, a “vermelhidão” tornou-se o critério mais importante para a carreira, deixando para o segundo plano o profissionalismo e a virtude individual. Para pro-

⁴ Mao Zedong, “Directives données au cours d’un entretien avec quelques représentants de la deuxième session du premier Comité de la Fédération panchinoise du commerce et de l’industrie” (8-12-1956), Paris: Les Editions du Cerf, 1975, pp. 209-225.

⁵ *A Neve de Junho*, pp. 408-409, crítica do professor Huang Yaomin, da Universidade Normal de Pequim.

var sua vermelhidão, os “jovens ativistas atuavam como polícia secreta, semelhantes aos agentes secretos do Guomindang”, como observou um professor da Universidade de Pequim.⁶ Um outro professor disse que as pessoas se distanciavam dos quadros “como se fossem diabos”.⁷

Eclodiram diversas manifestações. De acordo com uma estatística da Liga Juvenil Comunista, houve 30 manifestações estudantis na segunda metade de 1956, com a participação de mais de 10.000 alunos.⁸ No mesmo ano, deflagraram-se 29 greves de operários e ocorreram incidentes esporádicos de resistências camponesas: assassinato dos quadros, revoltas, negligência no trabalho coletivo e abate dos animais para que não fossem entregues à cooperativa.⁹ A resistência à política agrária tinha causado também dificuldades no abastecimento de cereais e proteínas animais. “Deixar as Cem Flores Desabrocharem e as Cem Escolas se Rivalizarem”

No cenário internacional, o ano de 1956 foi particularmente inquietante para o campo socialista. De 14 a 25 de fevereiro deste ano, no XX Congresso do PCUS, Khrushchev denunciou brutalmente os atos tirânicos de Stalin, o que desencadeou uma grande crise ideológica e política no campo socialista. Para contorná-la, nesta conjuntura política, em 28 de abril, numa reunião do Politburo, Mao Zedong declarou oficialmente a política das Cem Flores: no domínio da arte e da literatura, deixar as cem flores desabrocharem e, no domínio das ciências, deixar as cem escolas se rivalizarem.¹⁰ Em 2 de maio, numa reunião de Estado, foi divulgada a política das “cem flores”, permitindo as visões acadêmicas, corretas ou erradas, se expressarem nos jornais e revistas.

No entanto, grandes manifestações só ocorreriam depois do decreto do Comitê Central, no dia 27 de abril de 1957, da Campanha de Retificação, dirigida aos problemas como “burocratismo, subjetivismo e sectarismo”. Três dias depois desta decisão, Mao convidou todos os líderes dos partidos demo-

⁶ *A Neve de Junho*, p. 457, crítica de Fu Ying, da Universidade de Pequim, de 27 de abril de 1957.

⁷ *A Neve de Junho*, p. 297, Crítica do Professor Ge Peiqi, da Universidade de Pequim

⁸ Zhu Di, *O Enigma da Virada de 1957 (Da-zhuan-wan zhi-mi)*, Taiyuan, Shanxi Renmin Chubanshe, 1996, p. 108.

⁹ Jean-Luc Domenach e Philippe Richer, *La Chine, 1949-1985*, Paris, Imprimerie Nationale, 1987, p. 125.

¹⁰ Mao Zedong, *Intervention lors de la Conférence élargie du bureau politique du comité central*, Paris-France, Les Editions du Cerf, 1975, p. 165.

cráticos e figuras políticas importantes para a inauguração da Campanha de Retificação no Portão da Paz Celestial (*Tiananmen*). Logo em seguida, o Ministério da Frente Única começou a convidar os democratas para se expressarem livremente. Em função disto, os secretários do Partido de todos os níveis do governo começaram a convocar reuniões de críticas. A imprensa foi autorizada a publicar todo o tipo de opiniões. Impressionados pela sinceridade do presidente Mao e convencidos de que, agora, era oficial a permissão para manifestar suas queixas, os intelectuais reagiram com entusiasmo. Através de fóruns (assistidos por delegados do Partido), na imprensa (controlada pelo Estado), nas revistas, nos cartazes colocados nas paredes, as pessoas começaram a se manifestar.

No dia 19 de maio de 1957, surgiu, na Universidade de Pequim, o “Muro da Democracia”, paredes utilizadas pelos estudantes para colocar os cartazes de grandes caracteres (*dazibao*). Neles, os alunos apontaram a nova autocracia e o obscurantismo que estavam surgindo no país. Semelhantes manifestações também ocorreram nas outras universidades da capital, como a de Qinghua, a do Povo e a Normal de Pequim. No final de maio, os protestos aconteceram em outras grandes cidades e chegaram notícias de grupos de estudantes que espancavam quadros do Partido e saqueavam os arquivos da polícia política. Desde o Quatro de Maio de 1919, não houve protestos estudantis destas dimensões.

Reivindicações dos Direitos Políticos

O regime de Chiang Kai-shek (1927-1949) havia permitido a existência de alguns partidos democráticos (um eufemismo para os partidos menores), fundados pelos intelectuais, que lutavam contra a ditadura do Guomindang. Em 1949, foram convidados a participar do novo governo dos comunistas. Em 1954, a nova constituição foi votada e as eleições foram feitas, mas o país estava passando da nova democracia para a ditadura proletária, ou seja, do governo de coligação para a ditadura unipartidária. Esta situação foi apontada por Chu Anping (1909-1966), jornalista, cientista político e militante de um partido democrático,¹¹ que criticou a concentração do poder pelo PCC:

¹¹ Chu Anping estudou com Harold J. Laski, na University of London. Foi editor da revista *Observador*, de 1946 a 1948, uma das mais influentes revistas da época, quando defendia princípios da “liberdade”, da “democracia”, do “progresso” e da “razão”. Em 1966, foi perseguido pelos Guardas Vermelhos, e afogou-se num rio.

Em 1949, o governo central tinha 6 vice-presidentes e 3 deles eram provenientes dos partidos democráticos, tinha 4 vice-primeiros-ministros e 2 deles eram democratas. Na época, o governo parecia uma coligação. Alguns anos depois, reorganizaram o governo, todos os vice-presidentes democratas foram para o Congresso Nacional. No presente, temos 1 vice-presidente e 12 vice-primeiros-ministros, nenhum deles é democrata. Será que nenhum democrata tem competência para estas pastas, ou será que é porque nenhum pode se candidatar?¹².

Zhang Bojun (1895-1966),¹³ Ministro do Transporte, propôs a criação de institutos de planejamento político. Disse que, na política nacional, a Conferência Política Consultiva, o Congresso Nacional, os Partidos Democráticos e as organizações populares deveriam funcionar como os quatro institutos de planejamento político. As políticas, antes de serem decretadas, deveriam ser amplamente discutidas nestes quatro “institutos”, porque quatro cabeças unidas seriam superiores a uma só.¹⁴

Luo Longji (1898-1965), vice-presidente da Liga Democrática e Ministro das Indústrias Madeireira e Florestal,¹⁵ propôs a organização de uma Comissão de Reabilitação (*pingfan weiyuanhui*), uma instituição independente, composta pelos membros do Congresso Nacional e pela Conferência Política Consultiva, que teria a responsabilidade de revisar todas as campanhas políticas e de deixar as pessoas apelarem dentro da lei.¹⁶

Luo achava que este projeto traria vários benefícios: em primeiro lugar, encorajaria as pessoas a se expressarem livremente, e os intelectuais lo-

¹² *Diário do povo*, 2 de junho, 1957, *apud A Neve de Junho*, pp. 137-138.

¹³ Zhang Bojun foi estudar na Alemanha em 1922, conheceu no navio o futuro “pai do exército vermelho”, Zhu De (1886-1976). Os dois ingressaram juntos no PCC, na Alemanha. Mais tarde, dois irmãos de Zhang também ingressaram no Partido. Em 1 de agosto de 1927, ajudou Zhu De a organizar a sublevação armada na cidade de Nanchang – a primeira luta armada do Partido desde sua fundação. Logo, Zhu juntou-se a Mao nas montanhas de Jiangxi, enquanto Zhang Bojun desligou-se do PCC, dedicando-se aos movimentos democráticos. Em 1949, participou da Conferência Política Consultiva e foi nomeado Ministro do Transporte.

¹⁴ *A Neve de Junho*, p. 256.

¹⁵ Luo Longji foi um líder estudantil do “Quatro de Maio” de 1919. Estudou nos Estados Unidos e, depois, na Inglaterra, com o cientista político inglês, Harold J. Lask. Nos anos de 1930, foi editor da revista *Lua Nova*, onde defendia a democracia liberal e criticava a ditadura do Guomindang. Ajudou a fundar a Liga Democrática, em 1941, e colaborou com o PCC. Em 1948, quando a Liga Democrática foi banida, exilou-se em Hong Kong. No início de 1949, foi convidado por Zhou Enlai para compor o novo governo, e nomeado Ministro das Indústrias Madeireira e Florestal.

¹⁶ *Diário do povo*, 23 de maio de 1957, *apud A Neve de Junho*, pp. 276-278.

cais poderiam queixar-se dos governantes sem correr o risco de represália, porque poderiam encaminhar suas reclamações a Pequim. Em segundo lugar, as campanhas contribuíram para a estabilidade política no país, no entanto, também trouxeram efeitos negativos, por exemplo, ninguém ousaria reclamar das injustiças, porque temia represálias dos seus líderes. Para manter a credibilidade, o Partido precisaria corrigir os casos errados e reabilitar os injustiçados. Com isto, seriam removidas todas as barreiras entre o Partido e o povo. Luo sugeriu que as câmaras municipais e as assembleias locais também organizassem este tipo de comissão. Desta maneira, os opressores seriam punidos e os reprimidos teriam seus direitos garantidos.¹⁷

O Professor Zuo Yandong, da Universidade de Pequim, propôs o multipartidarismo limitado. Achou que o Partido Comunista era um produto da luta de classes. Quando as classes exploradoras fossem eliminadas, naturalmente não haveria mais luta de classes, portanto, o papel do Partido também tinha de ser reduzido, como se podia julgar por sua presença inútil nas faculdades – se o trabalho do Partido parasse por um ano, não afetaria nada.¹⁸ Afirmou:

Desde que o Partido Comunista tem pouquíssimos profissionais acadêmicos e cuja maioria pertence aos partidos democráticos, talvez seria possível que os democratas administrassem as faculdades e concorressem entre si. Se eles governassem um município ou uma província, a China não deixaria de ser comunista, assim como na Índia, em que o Partido Comunista governou apenas uma província, mas não por isso o Estado indiano deixou de ser capitalista.¹⁹

Um militante de um partido democrático, o Professor Gu Zhizhong, da Universidade Normal de Pequim, reclamou que a constituição de 1954 foi votada, mas nunca respeitada: a cláusula 89 dizia que a liberdade pessoal do cidadão seria garantida e que, sem a autorização do juiz, ninguém poderia ser preso, mas, durante as campanhas políticas, não existia nenhuma proteção aos inocentes. A cláusula 87 dizia que todos possuíam liberdade de expressão, publicação, associação e manifestação, mas nunca foi respeitado este direito. A liberdade de associação quase não existiu e todas as organizações populares tornaram-se oficiais. Poder-se-iam formar novos partidos “democráticos”? Sim, mas ninguém ousaria fazê-lo. Disse ele:

¹⁷ *Ibid.*, pp. 276-278.

¹⁸ *A Neve de Junho*, pp. 495-498.

¹⁹ *Ibid.*, pp. 495-498.

Na época, enquanto escrevendo a constituição, todos os deputados juravam que lutariam para defendê-la, mas agora, de Congressistas até cidadãos comuns, ninguém ousaria mencionar a palavra *constituição* [itálico meu]. Por conseguinte, ela tornou-se mero papel higiênico. Detenção, prisão, confisco de cartas tornaram-se práticas comuns. Como pode se imaginar o futuro do país?²⁰

O Professor Gu Zhizhong reclamou também do controle da informação pelo Partido Comunista, que monopolizou a mídia, transformando-a em porta-voz do governo:

Antes da libertação, o país tinha várias agências de jornalismo, agora só restam duas, nominalmente, uma é Agência de Notícias da China e a outra, a Agência de Notícias de Xinhua. A primeira monopoliza o jornalismo internacional e a segunda, todas as notícias no país. Sugiro, primeiro, que aos jornalistas dos partidos democráticos deve ser permitido participar de todas as reuniões do Ministério da Propaganda [órgão regulador da imprensa]. Se ainda vale a promessa política de coexistência permanente e controle mútuo, no mínimo, os democratas devem ser informados sobre o que estão fazendo nessas reuniões. Segundo, a Xinhua deve seguir os modelos de TASS e Reuters e tornar-se uma agência internacional. Quanto às notícias domésticas, o Partido deve permitir os partidos democráticos e as organizações populares fazerem seu próprio jornalismo.²¹

Um aluno da Universidade de Pequim reivindicou a eleição direta. Disse:

As eleições na China não são democráticas. Os problemas são: 1) Os candidatos são nomeados por recomendação do Partido, não existe concorrência. 2) Na recomendação, são apresentadas as qualidades pessoais dos candidatos, como, posição política correta, boa reputação, aproximação às massas, etc., em nenhum momento diz-se sobre como o candidato responderá aos eleitores. Essa valorização do critério ideológico favorece os ideólogos e prejudica assim os profissionais competentes. 3) O candidato, uma vez eleito, possuirá direitos irrestritos, dessa forma, a eleição torna-se uma formalidade, onde o povo renuncia à sua soberania. 4) Desde que os quadros eleitos são isentos do teste de mérito, e do concurso público, eles servirão apenas a interesses partidários e responderão apenas à vontade dos seus superiores, eis a origem das três pragas [burocratismo, dogmatismo e sectarismo]...²²

²⁰ *Diário do povo*, 26 de junho, 1957, apud *A Neve de Junho*, pp. 370-371.

²¹ *Ibid.*

²² *As Gramíneas da Planície*, pp. 97-99, *dazibao* de Jiang Xingren, aluno da universidade de Pequim.

Sugeriu que a eleição direta começasse na Universidade de Pequim, onde os alunos pudessem eleger livremente os líderes da União dos Estudantes. As mesmas eleições poderiam ser implementadas em todas as instituições e em todas as “unidades”.²³

Reivindicações à Liberdade de Expressão

Numa reunião organizada pela Associação Chinesa da Cultura, o dramaturgo Wu Zuguang criticou a política cultural do PCC e reclamou que a vontade dos líderes havia-se tornado o critério único para julgar o valor dos produtos culturais. Os líderes possuíam uma influência enorme, até mesmo “uma tosse deles poderia matar os escritores”²⁴. Achou melhor a abolição do sistema de controle do Partido sobre a produção artística e literária, porque o poder dos “órgãos” eliminava a concorrência artística e esmagava as iniciativas individuais. Disse Wu:

Os nossos líderes nunca pensam sobre o povo e tratam as massas como crianças. Censuram todos os gêneros populares com os dogmas ideológicos... O nosso teatro tem uma tradição longa, e nossos artistas, cada um tem sua especialidade; havia milhares de peças e atores, agora só resta um punhado ainda vivo nos palcos. Esse tipo de massacre é sem precedente. Esses quadros, incapazes de fazer sucesso, mas são capazes de estragar tudo!... Qual é a serventia de liderar os escritores e artistas? Alguém pode me dizer quem liderou Qū Yuan? Quem liderou Li Bai, Du Fu, Guang Hanqing, Cao Xueqin e Lu Xun? Quem liderou Shakespeare, Tolstoi, Bethoveen ou Molière?²⁵

O escritor Xiao Qian criticou a intolerância dos comunistas em relação aos pensamentos não-marxistas e reivindicou a liberdade do pensamento:

Entre a democracia e a ditadura, os revolucionários, muitas vezes, optaram pela ditadura e tratavam as manifestações dos cidadãos como sabotagens dos contra-revolucionários... Sem a liberdade do pensamento, muitas pessoas que poderiam ser convertidas para o marxismo ficaram fora. Uma das razões é que ele foi mistificado e vulgarizado. Os dogmatistas usavam o marxismo como se um chicote para açoitar os outros. Assim surgiu a aversão ao marxismo. Se as

²³ *Ibid.*

²⁴ *A Via Espinhosa*, pp. 75-76.

²⁵ *Ibid.*, pp.77-78. Qū Yuan (-340?-278 a.C.), Li Bai (701-762) e Du Fu (712-770) foram famosos poetas da Dinastia Tang. Guan Hanqing (?-1307?), dramaturgo da Dinastia Yuan, produziu mais de 60 peças. Cao Xueqin (?-1763), romancista da Dinastia Qing, cuja obra *O sonho do pavilhão vermelho* é considerada uma das mais importantes da literatura chinesa.

pessoas pudessem pensar voluntariamente e escolher livremente optariam pelo marxismo. Afinal, não é o marxismo a única verdade universal?²⁶

Reivindicação à Emancipação do Indivíduo

Um famoso físico, Qian Weichang, vice-reitor da Universidade Qinghua, também militante da Liga Democrática, apontou o novo “feudalismo” no sistema educacional, afirmando que os valores tradicionais feudais ainda exerciam uma grande influência sobre os jovens estudantes, como o respeito aos rituais e a obediência às autoridades. No novo regime, sob a “disciplina partidária” e o “patriotismo”, os legados feudais ressuscitaram. Novos conceitos se misturaram às velhas práticas. A servidão era construída em nome do “partido” e da “pátria”, duas palavras majestosas que confundiam muitos jovens e impediam o livre pensamento.²⁷

Um outro aluno da Universidade de Pequim criticou o controle do pensamento pelo Partido, que sufocava a criatividade juvenil e criara servilismo nos campos universitários. No seu *dazibao*, intitulado “A lógica do pastor”, ironizou este tipo de obscurantismo:

Os estudantes têm sido [considerados pelos quadros] novos e ingênuos... A obrigação dos [estudantes] ignorantes é comportar-se direito, tomar notas minuciosamente nas aulas da educação ideológica, seis horas por dia. A ignorância também significa a insuficiência da memória e, por isso, as aulas de doutrinação são repetitivas, só para treinar a memória dessas ovelhas ignorantes. As ovelhas são incapazes de pensar e compreender, por isso, elas devem seguir os pastores. Eu [o pastor] preparei, para cada rebanho, bodes obedientes e exemplares, caso vocês [as ovelhas] perdessem o rumo e não soubessem se orientar. Sigam-nos! Não se percam no caminho...²⁸

Zhu Qingqi, aluno da Universidade de Pequim, colocou um *dazibao*, intitulado “A arte de liderar”, em que analisou a mentalidade elitista e paternalista dos quadros comunistas:

O objetivo dos nossos líderes é transformar as massas em lutadores do comunismo: renuncie aos interesses individuais e obedeça incondicionalmente à

²⁶ “Confiança, tolerância e dossiês”, *Diário do povo*, 01-06-1957, *apud A Via Espinhosa*, pp. 101-104.

²⁷ Revista *Juventude da China*, nº 15, 1956, *apud A Neve de Junho*, pp. 340-341.

²⁸ *As Gramíneas da Planície*, *dazibao* “A lógica do pastor”, por Shen Dike, p. 178.

decisão dos comitês; não se divirta e nem se preocupe com a cultura e a arte; resista a qualquer coisa que contrariasse o Partido. Assim o povo chinês se reunirá em torno do Partido, simples e religioso – o povo mais glorioso e mais correto [politicamente] do mundo... Vejam esses fatos: o Partido doutrina os alunos e utiliza o marxismo-leninismo como se fosse o estímulo espiritual para incentivar o coletivismo. Ele coloca os alunos numa situação de tensão máxima, gastando todo o seu tempo em reuniões de críticas e autocríticas... Além de educação ideológica, os quadros também orientam a vida pessoal de cada indivíduo, inclusive o namoro dos jovens...²⁹

Um aluno da Universidade de Nanquim reivindicou que o Partido deixasse os jovens desenvolverem livremente a sua cabeça e que os comitês do Partido, instalados nas faculdades e nas escolas secundárias, não recrutassem militantes entre os alunos. Disse que deveriam ser abolidas tais organizações, como os Pioneiros Comunistas e a Liga Juvenil Comunista. As aulas de doutrinação deviam ser facultativas, para não afetarem o crescimento e a independência dos jovens.³⁰

Um outro aluno da Universidade de Pequim escreveu um *dazibao*, intitulado “Despertar a natureza humana”, em que criticou o desprezo dos comunistas pelos valores humanistas:

Devido à valorização da luta de classe e devido à inflação dos ódios de classes, na transformação socialista, ao contrário do que teria sido desejável, a natureza humana foi desrespeitada, e as crueldades ocorreram sem restrição. Em cada campanha política, a tortura física (como privar de sono, espancar, amarrar o interrogado com as mãos atrás das costas e pendurado na trave, entre outros inúmeros métodos) tem-se tornado hábito comum para arrancar confissões dos supostos inimigos de classe... A desumanidade tem-se tornado um instrumento dos jovens para ganhar a confiança do Partido! Quando se encontra alguém na rua, a primeira reação que se tem é tentar provar que essa pessoa seja contra-revolucionária. Qualquer comportamento cotidiano e expressão de brincadeira podem servir como evidências do crime. Em consequência, o nosso sistema político empurra as pessoas para o lado contra-revolucionário. Meus amigos, onde está a sua natureza humana? Se vocês querem viver melhor, será que não podem deixar seus semelhantes viverem também? Pensem bem, não vendam sua alma, não massacrem seus irmãos! Que retorne a natureza humana!³¹

²⁹ *Ibid.*, pp. 266-267.

³⁰ *Ibid.*, p. 295. O artigo de Liu Disheng, “Deixar os jovens crescerem livremente”, originalmente publicado na *Nanda Shenghuo*, uma revista estudantil da Universidade Nanjing.

³¹ *Ibid.*, p. 127, *dazibao* de Zhang Xikun, aluno da Universidade de Pequim.

A Busca do Verdadeiro Socialismo

Os estudantes refletiram sobre o próprio sistema socialista. No *dazibao* “O presente socialismo não é *shangri-la*”, o autor anônimo disse que a presente sociedade socialista era também uma continuação da história, não houve transformações absolutas em relação ao passado. Mas muitos quadros falavam do presente socialismo como se fosse o paraíso dos trabalhadores e deliravam com o grande progresso da sociedade chinesa, chegando a pensar que ela fosse *Shangri-la*.³² O autor apontou a principal contradição do sistema – os governantes monopolizavam a distribuição dos meios de produção, tornando-se uma camada política e socialmente privilegiada. Isto seria a fonte de todos os problemas internos do campo socialista.³³

Apesar das críticas contundentes, o autor do *dazibao* não pretendia mudar o regime. Achou que a liderança do Partido foi essencialmente correta, porém, os problemas poderiam tornar-se cada vez mais graves, se o Partido não resolvesse as contradições internas e não prosseguisse no caminho socialista:³⁴

Para reduzir o conflito entre os governantes e os governados, exigimos que o Partido elimine os privilégios. Assim, não só economize os recursos do país, mas também diminua a distância entre os líderes e as massas. Os governantes não devem depender das máquinas de repressão para impor a ordem. Devem melhorar o sistema eleitoral e estabelecer um sistema de vigilância popular, e ampliar a democracia socialista... Esperamos o Comitê Central dar atenção a nossas sugestões. Mãe Partido, não nos decepcione!³⁵

Lin Xiling, aluno da Universidade do Povo, fez dois discursos na Universidade de Pequim, que se tornaram destaques na época. Disse que o socialismo instalado na China não era verdadeiro, porque o verdadeiro socialismo tinha de ser democrático, “mas o nosso não era democrático, é o que eu chamaria de socialismo de base feudal”.³⁶

Ainda outro aluno da Universidade de Pequim analisou a formação da nova classe dominante:

³² *Ibid.*, p. 240.

³³ *Ibid.*, p. 241.

³⁴ *Ibid.*, p. 242.

³⁵ *Ibid.*, pp. 242-243.

³⁶ *Ibid.*, p. 154. Primeiro discurso de Lin Xiling na Universidade de Pequim.

Depois da aniquilação das classes exploradoras, surgiu a nova classe dominante, com as seguintes características: 1) Em termos de propriedade, diferentemente da antiga classe burguesa, que era fraca e muito dispersada, a nova elite dominante é pouco numerosa, mas, através da coletivização, controla todos os meios de produção e distribuição. 2) Na distribuição de renda, um funcionário superior ganharia um salário de mais de 500 *yuan* por mês, 10 vezes mais do que um operário e 100 vezes mais do que um camponês. Sabemos que as empresas de médio porte operam com o capital total de 2 mil *yuan*, em contraste, o presidente Mao ganha 2 mil *yuan* por mês... Será que tudo isso é justo? Pergunte aos camponeses! 3) Além dos salários, os burocratas gozam de diversos privilégios, como restaurantes especiais, apartamentos luxuosos, viagens gratuitas, etc. 4) Acobertamento mútuo. Baseados nos interesses corporativistas, eles se apoiam e se acobertam, com interesses comuns econômicos, políticos e sociais. 5) Eles concentram na mão enormes poderes e maltratam os cidadãos comuns. Sob o pretexto de luta de classes, o secretário do Partido pode prender e torturar os subordinados... Qual é a diferença entre um burocrata socialista e um mandarim feudal?³⁷

Um estudante disse que, na história, antes de tomar o poder, os revolucionários sempre procuravam ganhar a confiança do povo; uma vez vencida a revolução, começariam a pisar no povo e a se tornar a nova classe dominante. Afirmou que a Revolução Democrática de 1911 fracassou por causa da cisão entre a teoria e a prática e, agora, a Revolução Socialista de 1949 também corria risco de fracassar, porque a teoria marxista-leninista se havia tornado apenas pretexto, na prática ninguém agiria de acordo com ela. Se o Partido não corrigisse seus erros, um dia, o povo chinês se levantaria para derrubá-lo.³⁸

Perseguição aos “Direitistas”

Vendo que a situação estava escapando do controle, Mao começou a mudar sua posição. Ainda em 15 de maio de 1957, divulgou, entre os líderes do Partido, um comunicado intitulado “As Coisas Estão Mudando”, acusando os elementos direitistas da burguesia de atacarem agressivamente o poder do proletariado, mas afirmou que continuaria a publicar estas opiniões “maliciosas” e “reacionárias”, porque o povo conheceria estas “ervas venenosas”. A estratégia seria “atrair os inimigos para melhor aniquilá-los”.³⁹ Mais

³⁷ *Ibid.*, pp. 166-170, *dazibao* de Zhou Dajue, aluno da Universidade de Pequim.

³⁸ *Ibid.*, pp. 166-170, *dazibao* de Zhou Dajue, aluno da Universidade de Pequim.

³⁹ Mao Zedong, *Jianguo Yilai Mao Zedong Wengao* (Manuscritos de Mao Zedong desde a fundação da República Popular); Beijing, Zhongyang Wenxian Chubanshe, 1992, Vol. 6, pp. 470-474.

tarde, a posição de Mao seria chamada de “atrair as serpentes para fora das tocas” (*ying she chu dong*).

No dia 8 de junho de 1957, Mao publicou no *Diário do Povo*, um editorial intitulado “Por que isso?”, acusando os direitistas burgueses de “aproveitarem o movimento das Cem Flores para desafiar a liderança do PCC e da classe proletária”. No mesmo dia, o Comitê Central divulgou, entre os quadros de alto escalão, o decreto do próprio Mao Zedong, “Organizar os contra-ataques às ofensivas tumultuosas dos elementos direitistas”, onde afirmou: “É uma guerra. Se nós não vencermos, o socialismo jamais seria edificado, e a China correria o risco de se transformar numa outra Hungria”.⁴⁰

A partir do julho de 1957, começou a grande caça aos direitistas. A palavra “caça” é muito apropriada, pois todos os julgados “direitistas” sofreram alguma espécie de procura dos malfeitores: tal processo implicava identificação de indivíduos que se acreditava estarem envolvidos numa atividade “subversiva” do sistema socialista. O secretário do Partido da província de Guangdong, ou Mengjue, publicou um decreto no jornal *Nanfang Ribao*, convocando o povo de Quanguang a caçar os direitistas da mesma forma como os camponeses, cavando a terra para achar as rãs do inverno.⁴¹ A Agência de Notícias *Xinhua* disse, no dia 8 de agosto de 1957, que os direitistas estavam sendo caçados um a um em cada setor. Em agosto, um sistema de cotas (geralmente cinco por cento) foi aplicado para caçar os direitistas.

Nem os juízes e os advogados foram poupados. Na cidade de Pequim, 83 funcionários jurídicos foram denunciados, ocupando 9% de todos os trabalhadores do sistema legal, incluindo os presidentes dos tribunais, os secretários da justiça e os diretores da Associação dos Advogados.⁴² Nas províncias, os “direitistas do setor jurídico” incluíram: He Gonggan, secretário da justiça de Fujian, Peng Ruilin, procurador-geral de Zhejiang, entre outros. Muitos foram delatados porque defenderam o cumprimento das leis. Em algumas procuradorias, cerca de 30% dos funcionários foram acusados.⁴³ O Vice-Ministro da Inspeção, Wang Han, defendeu um funcionário “direitista”

⁴⁰ Ding Shu, *Armadilha Aberta: Antes e Depois da Campanha Antidireitista* (*Yang Mou: Fanyou Qianhou*), Hong Kong, Editora da Revista *Jiushi Niandai*, 1995, p. 212.

⁴¹ *Ibid.*, p. 263.

⁴² Universidade do Povo, “Como agem contra o partido os direitistas do setor judiciário”, p. 1, 1958, *apud* Ding Shu, *op. cit.*, p. 330.

⁴³ *Ibid.*, p. 331.

e, por isto, foi condenado a trabalhar num projeto hidroelétrico. Após 16 anos de “reeducação”, morreu num hospital, em Pequim.⁴⁴

Muitos professores de direito também sofreram repressões severas. O professor Han Depei, chefe do Departamento de Direito da Universidade de Wuhan, diplomado pela Universidade de Harvard, reivindicou a restauração do sistema legal. Foi perseguido por usar as leis para resistir ao Partido, tornando-se um dos 480 direitistas da Universidade de Wuhan. O Departamento de Direito, como o “viveiro dos direitistas”, foi fechado e todos os professores de Direito foram trabalhar para “reeducar-se”. No campo de concentração, os professores de Constituição criavam os porcos, os de Código Civil trabalhavam como cabeleireiros, os de Código Penal, como cozinheiros. Os professores da Filosofia do Direito sobreviviam como vaqueiros.⁴⁵

Em 1952, durante a Reforma do Pensamento, foram banidos os cursos burgueses, como o de Sociologia, Antropologia, Demografia e Inglês (que era considerado o idioma dos imperialistas; foi substituído pela língua russa, um idioma socialista). Em 1957, foram denunciados os que reivindicaram a restauração das “ciências sociais burguesas”. O professor Li Jinghan, da Universidade do Povo, foi acusado de “tentar usurpar o campo do marxismo-leninismo”, porque afirmava que “os sociólogos, mais do que os outros, valorizam a investigação científica”. O professor Li diplomou-se nos Estados Unidos, por isto, além do rótulo direitista, também foi chamado de “cão de guarda dos imperialistas americanos”.⁴⁶

Também foram perseguidos os acadêmicos que propuseram ou apoiaram o controle demográfico. Ainda em 1945, o governo do Guomindang previu que, depois do fim da guerra antijaponesa, a população do país teria um crescimento acelerado, devido à estabilidade política e à reconstrução econômica. Em 1954, o PCC convocou algumas reuniões para discutir os problemas demográficos, quando o reitor da Universidade de Pequim, Ma Yinchu, e o sociólogo Wu Jingchao propuseram o planejamento familiar. Em 1957, o agrônomo Lu Qinfan publicou um panfleto “Sobre os problemas demográficos”, e enviou 10.000 exemplares para o Congresso Nacional. Disse que a explosão da população causaria problemas mais graves que o “inciden-

⁴⁴ *Ibid.*, pp. 331-332. Sobre a vida de Wang Han, ver o artigo de Wei Junyi na Revista *Renmin Wenxue* (Literatura popular), fevereiro de 1983.

⁴⁵ *Ibid.*, pp. 223-224.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 220.

te húngaro”. Lu Qinfan foi acusado de “forjar o problema demográfico e incentivar tumultos do tipo húngaro”.⁴⁷

Para os comunistas, reivindicar o controle da população seria advogar a teoria demográfica “burguesa” (do economista inglês Thomas Malthus) e duvidar da única ciência universal – o marxismo-leninismo. Wu Jingchao, sendo um acadêmico famoso, não foi trabalhar no campo, porém sofreu redução salarial, foi banido da sala de aula e obrigado a se retratar nos intermináveis comícios de críticas e autocríticas. Ma Yinchu foi demitido da reitoria e proibido de publicar qualquer opinião. Felizmente, ele sobreviveu a Mao, tendo a longevidade para testemunhar o controle demográfico adotado como uma estratégia de sobrevivência do país.

O diretor Ma Zhemin, do Instituto de Economia e Finanças da China Central (sediado em Wuhan), foi acusado por ter dito que “a direção administrativa do Partido nas escolas causa diversos problemas, portanto, deve ser abolida”.⁴⁸ O diretor do Instituto de Agricultura de Henan, Wu Shaokui, foi acusado por ter criticado os quadros comunistas por “tomarem a linha das massas como panacéia e as ciências dos intelectuais como peido”.⁴⁹ O professor Chen Xinmin, diretor do Instituto das Minas e dos Recursos Minerais (sediado em Changsha), foi perseguido por ter criticado o Partido Comunista pelo “tudo aos dogmas marxistas, tudo à União Soviética, tudo à origem de classes e tudo aos líderes”. Foi acusado de “tentar disputar o poder com o Partido” e sofreu represálias.⁵⁰

Os setores mais atingidos foram o da imprensa e o da publicidade. Muitos jornais superavam a cota de 5%. Em 1956, o jornal *Juventude Chinesa* (*Zhongguo Qingnian Bao*) publicou a reportagem “Uma loja que não devia existir”, denunciando os privilégios dos altos funcionários, que compravam mercadorias nas lojas especializadas. Em 1957, por causa desta reportagem, mais de 30 jornalistas foram perseguidos.⁵¹ No jornal *Nova Hunan* (*Xin Hunan Bao*, do Partido da província de Hunan), o número dos componentes era 150 e o dos direitistas deste jornal chegou a 54, ultrapassando 30% do total. Entre estas 54 pessoas, 12 foram para a reeducação, 11, exiladas no campo, ou-

⁴⁷ *Ibid.*, p. 225.

⁴⁸ *Diário do povo*, 25 de junho de 1957, *apud* Ding Shu, p. 234.

⁴⁹ Ding Shu, p. 234.

⁵⁰ *Diário do povo*, 8 de agosto de 1957, *apud* Ding Shu, p. 235.

⁵¹ Ding Shu, p. 276.

tras, demitidas, rebaixadas ou disciplinadas; muitas famílias foram destruídas e viviam na miséria.⁵²

Os Partidos Comunistas, enquanto guerrilheiros, costumavam avaliar o grau de lealdade e competência dos seus quadros pelo número dos inimigos exterminados e, por isto, o sistema de cota era amiúde utilizado em todos os trabalhos políticos e administrativos. Os secretários tendiam a ultrapassar a alíquota para demonstrar sua lealdade ao Partido e seu ódio implacável aos “direitistas”. Na Universidade de Pequim, foram descobertos 589 direitos, representando 7.8% do número total dos alunos e professores.⁵³ A Universidade do Povo tinha 6.000 alunos, mais de 400 direitos foram denunciados apenas no primeiro “lote”. Na Universidade Fudan, havia mais de 600 professores, dos quais cerca de 8.5% foram acusados. No Instituto de Geologia de Pequim, havia mais de 5.000 alunos e 1.000 professores, 9% dos alunos e 12% dos professores foram perseguidos. Na Universidade de Wuhan, 480 alunos foram delatados. Na de Jiaotong, mais de 300 foram denunciados. Na de Yunnan, 260 foram perseguidos no primeiro “lote”. Na Universidade Normal de Fujian, havia 3.000 alunos, e mais de 400 foram acusados; dezenas, que não resistiram aos intermináveis comícios e às humilhações públicas, suicidaram-se.⁵⁴

Apesar de Mao não querer executar ninguém, três líderes estudantis da Primeira Escola Secundária de Hanyang, que tinham deflagrado um protesto contra a administração comunista de sua escola, foram processados e fuzilados. Segundo a Agência Xinhua, as execuções foram realizadas no início de 1958, na presença de 10 mil pessoas, muitas delas colegas destes condenados.⁵⁵

O trabalho forçado foi o castigo mais comum aos “direitistas”. No dia 30 de janeiro de 1958, na véspera do Festival da Primavera, a maioria dos direitos do setor de ensino superior de Pequim foi levada pela polícia para uma prisão e, dias depois, mandada para o Campo Reformatório de Qinghe. Durante a grande fome de 1959-1960, a metade dos prisioneiros morreu, a

⁵² *A Via Espinhosa*, p. 359.

⁵³ Wang Xianzhen, *Uma Cronologia da Universidade de Pequim (Beijing Daxue Jishi)*, Editora Universitária, 1998.

⁵⁴ Ding Shu, p. 238.

⁵⁵ Jonathan Spence, *Em Busca da China Moderna*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 541.

maioria deles, estudantes e professores. Depois de cumprir 4 anos de “redução”, muitos foram retidos, porque uma “capital vermelha” como Pequim não precisava destes “direitistas burgueses”. Em 1969, devido ao conflito sino-soviético, o Reformatório Qinghe foi fechado, a maioria dos presos, mandada para trabalhar na própria terra natal. Não sabemos o número total dos direitosistas mortos de fome e exaustão do trabalho braçal, decorrente do fracasso do Grande Salto para a Frente (1959-1960), que causaria a morte de 20 milhões de chineses.⁵⁶ Ding Shu estimou que, pelo menos 20% dos direitosistas morreram nos campos de trabalho.⁵⁷

De acordo com a estatística divulgada pelo governo, o número total dos direitosistas era de 552.877,⁵⁸ o que, na realidade, incluiu apenas as condenações nas grandes cidades. Levando em conta as perseguições ocorridas no nível local e na zona rural, segundo Ding Shu, o número dos caçados chegaria a 1,5/2 milhões de pessoas.⁵⁹ Se incluirmos as famílias das vítimas (uma família consiste, no mínimo, de 3 pessoas) podemos, seguramente, afirmar que a Campanha Antidireitista atingiu mais de 4 milhões de pessoas.

A Cultura Autoritária e a Ideologia Partidária Anti-intelectual

Desde as primeiras dinastias, os imperadores chineses demonstravam atitudes hostis às críticas. Quando o Estado Qin aniquilou os demais Estados combatentes e estabeleceu o primeiro império centralizado, substituindo o feudalismo fragmentário pelo sistema funcionário, Qin Shi Huang (259-210 a.C.) impôs um sistema de Estado policial: a vigilância mútua e o passaporte interno. No ano 213 a.C., o regime decretou a “queima dos livros e [o] enterro dos letrados”. A idéia era do Primeiro Ministro do Império Qin, Li Si (?-208 a.C.), que defendia o controle do pensamento:

No passado, o mundo estava em caos e ninguém podia unificá-lo e, por isso, os senhores feudais se tornaram os reis. Os letrados valorizavam o passado para desqualificar o presente e usavam argumentos falsos para confundir a realidade. Cada escola utilizava seu critério doutrinário para criticar o governo. Ago-

⁵⁶ Vinte milhões é um número oficialmente sancionado, mas os analistas tendem a aceitar 40 milhões. Judith Banister, *China's changing population*, Stanford University Press, 1987, p. 85.

⁵⁷ Ding Shu, p. 356.

⁵⁸ Jia Chunzheng (org.), *Os intelectuais e as mudanças sociais da China (Zhishifenzi yu zhongguo shehui biange)*, Beijing, Huawen Chubanshe, 1996, p. 155.

⁵⁹ Ding Shu, p. 284.

ra, a sua majestade, o imperador já conquistou e unificou o mundo, decretou o sistema [legista] do Estado Qin como o padrão universal. [Entretanto,] os letrados criticam as políticas do governo e atacam os governantes nas ruas. Os seus verdadeiros motivos são de desprezar e resistir ao Estado. Se essa [rivalidade entre o governo e os letrados] não for proibida, o poder do Estado diminuirá e os grupos sediciosos se fortalecerão. Convém o governo banir [os letrados não-legistas].⁶⁰

Como resultado, todos os arquivos dos demais Estados (exceto o Estado Qin) foram obrigados a ser incinerados. Os letrados que ensinaram publicamente os textos clássicos confucionistas foram executados e seus corpos, expostos nas praças; quem criticou as autoridades foi exterminado e, igualmente, sua família. Cerca de 460 letrados foram logo condenados à morte por enterro vivo, por terem escondido os livros proscritos e contrariado a decisão do governo. Este “auto de fé” pode ser considerado como o primeiro conflito sangrento entre o Estado e os intelectuais na história humana.

Devido ao extremo despotismo, a Dinastia Qin durou menos de 15 anos (221-207 a.C.), sendo derrubada por uma série de revoltas populares e, na sua ruína, surgiu a Dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.). Em torno do ano 136 a.C., Han Wudi (140-87 a.C.) adotou o confucionismo como ortodoxia estatal. A sugestão veio do letrado confucionista Dong Zhongshu (179-104 a.C.), que reafirmou a tese de Li Si sobre a necessidade de uma autocracia cultural. Dong Zhongshu disse:

Os ensinamentos clássicos da Primavera e Outono [texto canônico do confucionismo] são leis universais e eternamente válidas. Mas, hoje em dia, cada escola tem sua própria doutrina, cada professor segue seu próprio caminho e cada pessoa tem o seu próprio pensamento. Em consequência, sua majestade, o Imperador, não tem uma Doutrina Única e a população não sabe a que deve obedecer, pois as regras mudam freqüentemente. Como um empregado da sua majestade, eu sugiro adotar a escola de Confúcio e afastar as demais escolas, para que elas não avancem juntamente [com o Confucionismo]. Assim, as heresias desaparecem e os pensamentos se unificam e o povo saberá o que deve seguir.⁶¹

O Estado imperial decretou que escolas públicas fossem estabelecidas em todas as cidades importantes do império. Começou-se, assim, a pro-

⁶⁰ Sima Qian, “O Reinado do Qin Shihuang”, *Shiji*, Qin Shihuang Benji.

⁶¹ Ban Gu, “Biografia de Dong Zhongshu”, *Hanshu*, Dong Zhongshu Zhuan.

dução em “escala” dos letrados confucionistas.⁶² Desde a Dinastia Sui (581-618) até o início do século XX, os letrados chineses concorriam aos cargos oficiais através de Exames Cívicos, que testavam as habilidades literárias e os conhecimentos sobre os textos clássicos confucionistas. Exceto os períodos de “ruptura” e “irregularidade”,⁶³ o sistema de Exame Cívico era o canal principal através do qual os jovens (pobres ou ricos) poderiam avançar na sua carreira pública.

Em termos da ideologia partidária, não há dúvida de que existe uma clara hostilidade aos intelectuais nas doutrinas e nos partidos marxistas-leninistas.⁶⁴ Na correspondência entre Marx, Engels e dirigentes da social-democracia alemã, é comum uma atitude hostil em relação aos “elementos intelectuais”, que poderiam tornar-se “agentes” da burguesia nas fileiras do movimento operário e “desviar” a classe operária de seus verdadeiros interesses.⁶⁵ Lenin, ao longo de sua vida política, em diversas oportunidades, apontava as características dos intelectuais pequeno-burgueses: aversão à disciplina, à organização, instabilidade, falta de determinação e de energia, inconseqüência, tendências sentimentalóides e choramingas, preconceitos elitistas, submissão às modas, gosto pela frase, oportunismo, timidez e vacilação, tendências ao anarquismo e ao reboquismo.⁶⁶

Desde suas análises sobre as classes sociais da sociedade chinesa, Mao costumava qualificar os intelectuais de “pequeno-burgueses”:

A pequena burguesia consiste na grande massa dos intelectuais, os pequenos comerciantes, os artesãos e os profissionais... Primeiramente, os intelectuais e os estudantes. Não constituem uma classe ou uma camada social independente, porém, na China de hoje [1939], a julgar pela sua origem familiar, suas condições de vida e sua posição política, a maior parte deles pode ser catalogada dentro da pequena burguesia... Estão dotados, em maior ou menor grau,

⁶² Segundo uma estimativa, em 146 d.C., na capital Luoyang havia 30 mil estudantes letrados. Cf. Jia Chunzeng (Org.), *Os Intelectuais e as Mudanças Sociais da China*, Pequim, Huawen chubanshe, 1996, p. 21.

⁶³ Por exemplo, guerras civis ou invasões externas.

⁶⁴ Daniël Aarão Reis Filho, *A Revolução Faltou ao Encontro*, São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 143.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 145. Ver carta de Marx-Engels a A. Bebel, W. Liebknecht e W. Brake, de 17-18/9/1879, em *Correspondência*, vol. 3, pp. 34-54.

⁶⁶ *Ibid.*, pp. 34-54. Ver Lenin, “Un Pas en avant, deux pas en arrière”, *Obras Completas*, vol. 7, Ed. Sociales, Paris, 1970, pp. 280-281, 341, 373 e 401-405.

de conhecimentos científicos capitalistas. Eles possuem uma aguda sensibilidade política e, na presente etapa da revolução chinesa, desempenham, com frequência, um papel de vanguarda ou servem de ponte com as massas... Na China, também foi entre os intelectuais e os jovens estudantes onde primeiro se difundiu amplamente a ideologia marxista-leninista. Sem participação dos intelectuais revolucionários é impossível ter êxito na organização das forças revolucionárias e no trabalho revolucionário. Porém, enquanto não se incorporam de todo coração às lutas revolucionárias e não decidem servir aos interesses das massas, ou integrarem-se a elas, os intelectuais, muitas vezes, tendem ao subjetivismo e ao individualismo e mostram-se pouco práticos em seu pensamento e vacilantes em sua ação. Por conseguinte, mesmo que a grande massa de intelectuais revolucionários da China tenha desempenhado um papel de vanguarda, nem todos continuam sendo revolucionários até o fim. Nos momentos críticos, uma parte deles abandona as fileiras revolucionárias e vive em passividade. Um pequeno número incluso converte-se em inimigo da revolução...⁶⁷

Na concepção de Mao, cada classe tem sua própria intelectualidade, obviamente, a classe proletária há de produzir a sua. Mas, para isto, seria imprescindível o aproveitamento dos intelectuais existentes. No momento da revolução, era necessário ganhar os intelectuais burgueses e pequeno-burgueses, sem os quais o movimento revolucionário não poderia avançar nem triunfar. Porém, após a tomada do poder, em 1949, Mao Zedong havia demonstrado atitudes hostis em relação aos intelectuais e recuado da aliança com estes. O anti-intelectualismo, no pensamento de Mao, pode ser resumido na metáfora de “peles” e “pêlos”. Comentava ele:

Dizia um provérbio: Se não existisse a pele, onde ficariam os pêlos? Os velhos intelectuais eram pêlos que viviam das cinco peles: a primeira, a propriedade dos imperialistas; a segunda, a do feudalismo; a terceira, a do capitalismo burocrático; a quarta, burguesia nacional e a quinta, a pequena propriedade dos camponeses e artesãos. Toda velha intelectualidade chinesa dependia das primeiras três peles ou das últimas duas. Quando todas as cinco peles fossem eliminadas, donde viveriam os pêlos?⁶⁸

A atitude de Mao em relação à repressão aos “direitistas” foi revelada numa conversa secreta de 1958: “Comparando com Shi Huangdi, ele enter-

⁶⁷ Mao Zedong, “La Revolución china y el partido comunista de China”, (dezembro de 1939), *Obras Escogidas*, vol. 2, pp. 333-334, Buenos Aires, Ediciones la Rosa Blindada, 1973.

⁶⁸ *Ibid.*, “Rechaçar os ataques dos direitos burgueses” (discurso em 9 de julho de 1957), *Mao Zedong Zhuzuo Xuanji*: 5, Obras selecionadas de Mao Zedong, Vol.5).

rou vivos 460 letrados só; nós enterramos mais de 300.000 intelectuais. E, se for preciso, podemos exterminar todos os intelectuais contra-revolucionários”.⁶⁹ Em fevereiro de 1958, Mao assim avaliou a campanha antidireitista de 1957:

Em nosso país, o ano 1957 foi um ano de grande revolução socialista na esfera intelectual e política, que deu um golpe fatal aos pensamentos burgueses reacionários. Foi libertada a produtividade do círculo literário e artístico. Também [foram libertados] os intelectuais reservas das algemas e correntes de pé do velho sistema social e de todas as ameaças da cheia reacionária. Assim, abrimos um caminho extenso para a arte e a literatura proletária. Antes de 1957, esta tarefa não estava cumprida. Agora, o trabalho ainda vai continuar desde que a limpeza da velha base levaria não apenas um ano. Contudo, o caminho está aberto, agora, milhares de militantes da arte e da literatura proletária podem agora nele galopar.⁷⁰

As Sombras de Yanan

Não foi a primeira nem a última vez que o Partido Comunista Chinês perseguiu seus dissidentes. Ainda em 1942, na Campanha de Retificação, sob iniciativa de Mao, o Partido obrigou todos os seus militantes em Yanan a fazerem críticas e autocríticas. Em maio de 1942, Mao autorizou uma grande liberdade de expressão, na qual os intelectuais foram incentivados a criticarem o “estilo de trabalho” do Partido e do governo. Durante dois meses, as críticas ao “dogmatismo, [a]o burocratismo e [a]o sectarismo” eram desenvolvidas em grandes cartazes (*dazibao*) e nas reuniões públicas. Subitamente, em 15 de julho de 1942, foi lançada a campanha de “salvamento”, que transformou a Retificação em “caça às bruxas”. Esta agitação foi freada, e todos os manifestantes foram “convidados” a “lutar” contra o “individualismo”. Muitos destes foram criticados e obrigados a se autocriticar.⁷¹ Alguns foram maltratados fisicamente ou levados ao suicídio, outros foram presos e, depois, executados. O autor Wang Shiwei, por exemplo, foi perseguido por ter de-

⁶⁹ *Ibid.*, o discurso na reunião do segundo plenário do comitê central do 8º Congresso do PCC, apud Mayfair Yang (1991), *Une Histoire du Présent Gouvernement Rituel et Gouvernement d'état dans la Chine Ancienne*, Annales ESC, n° 5, pp. 1041-1069.

⁷⁰ *Ibid.*, *Jianguo yilai Mao Zedong Wengao*, (Manuscritos de Mao Zedong desde da fundação da Nova China), vol. 7, agosto de 1992, Beijing, Zhongyang Wenxian Chubanshe, p. 94.

⁷¹ Martin Bernal, “Mao e a Revolução Chinesa”, Eric Hobsbawm (Orgs.), *História do Marxismo*, Vol. VII, Rio de Janeiro-Brasil, Paz e Terra, 1986, p. 397.

nunciado os privilégios dos quadros e por ter publicado, em março de 1942, um ensaio intitulado “Lírios Silvestres”, no *Diário da Libertação*, em que censurou a intolerância dos quadros partidários em relação aos seus críticos:

Os jovens são preciosos por causa da sua pureza, sensibilidade, entusiasmo e coragem... Vêem as sujeiras que outros não veriam, pronunciam as palavras que outros não ousariam pronunciar. Suas críticas talvez sejam excessivas, suas opiniões talvez careçam de equilíbrio, mas não necessariamente estão eles ‘perturbando’ e ‘reclamando’. E das críticas pode-se buscar a natureza dos problemas e racionalmente resolvê-los pela raiz...⁷²

Wang foi acusado de “trotskista” e, por não se conformar com tal rótulo e não “se comportar direito”, foi preso, em 1943, acusado de “antipartidário” e “inimigo infiltrado”. Em julho de 1947, na véspera da ocupação de Yanan pelas tropas de Guomindang, todos os prisioneiros da “capital vermelha” foram executados (inclusive Wang Shiwei) – decapitados pelos soldados carcereiros. Uma outra manifestante, a escritora Ding Ling, também foi perseguida, por ter publicado um ensaio no mesmo jornal, “Sobre o Dia das Mulheres”, em que criticou o desrespeito dos quadros aos direitos das mulheres. Sofreu inquirições e só foi inocentada no fim de 1943.

Foram principais vítimas os rivais políticos de Mao, especialmente os “vinte e oito bolcheviques” – com treinamento de Moscou, se apresentavam como “verdadeiros” teóricos marxistas. Alguns líderes, como Zhou Enlai (1898-1976) e Peng Dehuai (1898-1974), também sofreram críticas e foram obrigados a se autocriticar.⁷³ Vários oficiais militares e quadros do Partido foram detidos e interrogados e o “salvamento” era tão violento que chegou a causar revoltas militares.⁷⁴ Em agosto de 1943, Mao proibiu o uso da tortura nos interrogatórios e declarou que “não executaria ninguém e não aprisionaria a maioria”. Em nome de “retificar o estilo de trabalho do partido”, o sistema

⁷² Dai Qing, *Wang Shiwei and “Wild Lilies”: Rectification and Purges in the Chinese Communist Party, 1942-1944*, Nova York, M.E. Sharpe, 1994.

⁷³ Zhou Enlai foi um dos principais dirigentes do Partido antes da Longa Marcha, por isto foi criticado como um dos responsáveis pela “linha esquerdista oportunista de Wang Ming”. Peng Dehuai foi criticado por ter dirigido uma bem-sucedida campanha de “Cem Regimentos”, em agosto de 1940, que aniquilou mais de 20.000 invasores japoneses, o que causou uma intensificação das ofensivas japonesas às bases dos comunistas, razão por que Peng Dehuai era acusado de “ultra-nacionalismo”. Em 1959, na reunião de Lushan, Peng desabafou, dizendo que fora “fodido” por 40 dias, em 1943.

⁷⁴ Muitos dos alvos eram ex-seguidores de Zhang Guotao; alguns rebelaram-se.

de “uma liderança, uma imprensa e um pensamento” foi instalado na “área libertada”, onde quase todos os inimigos, reais ou imaginários, foram submetidos à “retificação”.⁷⁵

Observação Final

Com a tomada do poder em 1949, o PCC obteve os meios, como também as forças, para impor, em escala nacional, o controle sobre todas as atividades intelectuais. Passo a passo, o Estado aboliu as propriedades privadas e se tornou o único empregador dos intelectuais. O sistema altamente centralizado e burocratizado também tentou eliminar a possibilidade de autonomia intelectual, porque, com a proibição da propriedade privada, diminuíram drasticamente as margens de ação e de crítica. Por conseguinte, passaram a viver num contexto controlado e censurado. No entanto, nos primeiros anos do regime comunista, a maioria dos intelectuais concordou com elas ou, pelo menos, conformou-se às políticas dos comunistas. Também aquiesceram, participando da campanha “Anti-Hu Feng”, em 1955, quando Hu Feng (1902-1985) e um pequeno número de escritores protestaram contra o controle do pensamento.⁷⁶ Na época, havia um medo onipresente de que, se não concordassem, logo seriam acusados de “antipartidários” e “anti-socialistas”, o que significaria a humilhação pública e a reeducação pelo trabalho.

Apesar das repressões, o Partido também procurou incentivar os intelectuais a trabalharem produtivamente para a edificação socialista. Pode-se descrever a política do Partido em relação aos intelectuais como um ciclo da “repressão e [d]a tolerância relativa”. Mesmo que os ciclos sejam diferentes, compartilham um dinamismo semelhante: o Partido aperta a correia até que os intelectuais se tornam relutantes a trabalhar; então, o Partido afrouxa sua amarra. Neste período de relaxamento, o regime define o limite dentro do

⁷⁵ De acordo com a memória de Li Rui, ex-secretário de Mao Zedong (que também foi preso por mais de um ano, até 1944), na época, Yanan tinha 50.000 quadros de funcionários e 15.000 pessoas sofreram interrogatórios. Ver Li Rui, “Prefácio ao livro – *O Caso de Wang Shiwei*”, Revista *Shuwo*, nº 8, 2000 (endereço eletrônico: <http://b21.net/reading/2k08/200008menu.htm>).

⁷⁶ Hu Feng (1902-1985) era membro do PCC, defendia o realismo literário, que confrontava com o “realismo socialista” do PCC. Foi criticado pelos representantes do PCC por várias vezes, antes de 1949. Em março de 1954, Hu escreveu uma carta para o *Politburo*, em que criticou o “marxismo dogmático” que estrangulava a criatividade literária. Em janeiro de 1955, foi lançada a campanha nacional “anti-Hu Feng”. De acordo com uma estatística, 2.100 pessoas foram investigadas e 92, presas.

qual, pelo menos no início, os intelectuais podem expressar suas opiniões. O Partido toleraria, até incentivaria debates intelectuais, e permitiria a liberdade para as críticas, com o objetivo de diminuir os abusos e melhorar o sistema. Quando percebe que sua autoridade pode ser ameaçada pelos intelectuais que reivindicam a autonomia, não só para trabalhar, mas para discutir os problemas políticos, ele logo fecha o cerco.⁷⁷

Mao iniciou o primeiro relaxamento. No fim de abril de 1956, anunciou a política de “deixar as Cem Flores desabrocharem e as Cem Escolas se rivalizarem” e, um ano depois, no dia 30 de abril de 1957, reuniu os democratas (cuja maioria era de intelectuais) no portão da Praça da Paz Celestial (*Tiananmen*), convidando-os a criticarem livremente o governo, num hiato de um mês (do início de maio até 8 de junho). Quando os intelectuais não somente criticaram os quadros, mas também o próprio Partido, Mao retirou sua promessa e esmagou as Cem Flores no meio do desabrochar.

Entre 1960 e 61, haveria um outro breve período de relaxamento, resultado do fracasso do Grande Salto para a Frente (1958-1959), mas logo Mao lançou a Revolução Cultural, quando praticamente todos os intelectuais sofreram perseguições. A morte de Mao proporcionou uma grande virada da história chinesa: sob a liderança de Deng Xiaoping, a relativa tolerância predominava na política. Houve repressões, mas foram de curta duração, sem fervor ideológico e sem terror das massas, ao contrário do que havia sido na era maoísta. A partir de 1978, passo a passo, os intelectuais conquistaram mais autonomia do que em qualquer período depois de 1949. O regime reformista depende dos cientistas e dos tecnocratas no processo da modernização econômica, portanto, está disposto a ceder espaços livres para os intelectuais, se eles não agirem contra o regime.

⁷⁷ Merle Goldman, Timothy Cheek, e Carol Lee Hamrin. (Orgs.), *China's Intellectuals and the State: In Search of a New Relationship*, Harvard University Press, 1987, pp. 13-14.